

Formação do leitor em suportes digitais

(Reader's formation in the digital era)

Juliana Malpica Mendes¹; Alessandra Corrêa Farago² (O)

¹(G) Centro Universitário UNIFAFIBE/ Bebedouro
juliana_m_m@yahoo.com.br

²Centro Universitário Claretiano – Batatais SP
farago@claretiano.edu.br

Abstract: *Reading is an exercise that once started in school it spreads out through a lifetime. The reading is what makes the men participate more in a critical way of the society. The aim of this study is to analyze the process of the reader's formations in the digital era. To do so, we carried out a bibliographical research in a qualitative source. An existing finding says that society experiences a technological period in which knowledge and information reach people quickly over the internet. Therefore, it was found that children who were born in this generation have an often contact with these technologies. Thereby, the digital support should be part of their reading training, once they need to prepare to have an effectively participation in the digital world, being aware on what they are looking for and being critical on what they read. As a new digital support for reading and writing emerges it became essential a new type of literacy, which it was called digital literacy. Through the obtained data it was found that the teacher and the school need to be multipliers of digital literacy, adopting a practice that uses digital sources to provide a meaningful learning to the students in order to acquire the necessary skills to make an effective use from technology and from internet.*

Keywords: *Reader's formation. Digital literacy. Technology. Digital culture.*

Resumo. *Ler é um exercício iniciado na escola que se estende por toda a vida. Essa leitura é que faz com que o homem participe de maneira mais crítica da sociedade. O objetivo desse trabalho é analisar o processo de formação do leitor frente à era digital. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica exploratória, de natureza qualitativa. Uma constatação existente é que sociedade vivencia um período tecnológico, em que os conhecimentos e as informações chegam até as pessoas rapidamente através da internet. Diante disso, verificou-se que as crianças nascidas nessa geração tem um contato constante com essas tecnologias. Dessa forma, os suportes digitais devem fazer parte de sua formação leitora, uma vez que precisam se preparar para participar efetivamente do mundo digital, tendo consciência do que buscam e atribuindo criticidade àquilo que leem. Com o surgimento desses novos suportes de leitura e escrita tornou-se necessário um novo tipo de letramento,*

o chamado letramento digital. Por meio dos dados obtidos constatou-se que o professor e a escola precisam ser agentes multiplicadores do letramento digital, adotando uma prática que utilize os meios digitais para proporcionar uma aprendizagem significativa aos alunos, a fim de adquirir as competências necessárias para fazer o uso efetivo da tecnologia e da internet.

Palavras-chave: *Formação do leitor. Letramento digital. Tecnologia. Cultura Digital.*

Introdução

Desde pequenos, antes mesmo de aprendermos a ler, já estamos em contato com a leitura através de uma linguagem não verbal. A formação do leitor é um processo gradativo, dividido em fases de acordo com a idade e desenvolvimento da criança. O interesse pela leitura começa através do contato que a criança tem com pessoas leitoras na família e na escola. A pessoa que lê se torna um cidadão mais consciente, crítico e reflexivo.

A sociedade vivencia um momento em que a tecnologia está cada vez mais presente na vida das pessoas e, por isso, também surgem novos suportes de leitura. O leitor digital se depara com novos gêneros textuais, os chamados gêneros digitais, que devem ser utilizados com cautela, após um preparo para que esse leitor saiba utilizar efetivamente as ferramentas disponíveis.

Para isso é preciso pensar em um novo tipo de letramento: o letramento digital, para que o leitor saiba selecionar adequadamente os textos disponíveis na internet e saiba como interagir com o texto, a máquina e com as pessoas que também fazem parte dessa rede digital.

Pensando na temática da formação do leitor, foi estabelecido como recorte para a presente pesquisa o estudo da compreensão leitora dos novos espaços de escrita que compõem novos gêneros textuais. Parte-se do pressuposto de que, em meio aos inúmeros suportes digitais, a leitura na tela deve ser trabalhada nas escolas por meio de um letramento digital para que o aluno saiba fazer seu uso de maneira efetiva.

A escolha do tema ocorreu em função da necessidade de se pensar na formação do leitor frente a uma era digital, em que as crianças crescem tendo contato à diversas tecnologias. Atualmente a leitura em suportes digitais tem se tornado mais frequente e, por isso, é preciso preparar os leitores para que possam participar efetivamente dessa emergente cultura.

Esta pesquisa terá como fundamentação teórica a literatura atual sobre a formação do leitor, considerando as fases de leitura da criança, novos suportes de leitura, novos gêneros textuais, letramento e letramento digital. (ARAÚJO, 2008; BARROS, 2006; BRAGA, 2005; BUSE, 2011; COELHO, 2000; COSTA, 2000; CUNHA, 2010; LIMA, 2009; MAGNABOSCO, 2009; OLIVEIRA, FRANCO, 2014; RAIMUNDO, 2009; RODRIGUES, SILVA, ABREU, 2012; SCHONS, VALENTINI, 2012; SOARES, 2002, 2004; THEISEN, 2012; XAVIER, s/d.).

A grande contribuição dos estudos acerca da formação do leitor na era digital nos permite entender como letrar digitalmente as crianças para que possam participar e interagir com essa nova cultura digital.

Sendo assim, este estudo se preocupou em buscar informações a fim de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como formar leitores na era digital?

A fim de corroborar esta hipótese, o estudo busca responder aos seguintes objetivos:

- ✓ Identificar os fatores que contribuem para o desenvolvimento do leitor;
- ✓ Analisar o processo de formação do leitor frente à era digital.

O presente estudo é uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, sendo caracterizado, segundo a natureza dos dados, como uma pesquisa bibliográfica.

Dessa forma, o estudo foi estruturado em três seções, a saber:

A primeira traz um referencial teórico substanciado pelo pensamento dos autores que discutem o processo de formação do leitor, apontando suas fases e a importância da escola e da família nesse processo.

A segunda seção aponta os tipos de leitura encontradas em suportes digitais, suas características, vantagens e desvantagens.

A terceira seção trata de como a escola deve agir para ensinar os alunos a fazerem o uso efetivo da tecnologia através de um letramento digital.

Por fim, as considerações finais, retomam sinteticamente as principais ideias apresentadas ao longo do trabalho.

1. Formação do leitor

A leitura se faz presente em nossa vida antes mesmo de começarmos a ler convencionalmente, pois desde pequenos já estamos em contato com diversas formas de

comunicação e fazemos uma leitura de mundo através da linguagem não verbal. Cunha (2010) afirma que a criança é guiada por representações e associações de gestos, cores e símbolos até ser alfabetizada. Assim acontece também com jovens e adultos analfabetos, que fazem uma leitura visual do mundo ao seu redor.

Para Raimundo (2009) por muito tempo a leitura era vista apenas como decodificação de símbolos, porém com o passar dos anos ela vai adquirindo uma nova visão em que o leitor conversa com o texto, tendo assim maior desenvolvimento de sua criatividade e consciência como cidadão.

A formação do leitor acontece aos poucos, sendo dividida em fases. A princípio o interesse da criança é despertado por histórias que alguém lhes conta, logo depois começa a ter contato com diferentes gêneros textuais que chamam sua atenção de acordo com a faixa etária ou a fase em que está vivendo.

Um dos fatores mais importantes ao colocar o leitor em contato com a literatura é a adequação dos textos com as etapas de desenvolvimento da criança. Coelho (2000) aponta como necessário uma divisão dos leitores em categorias que levem em consideração a “[...]inter-relação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo de leitura” (COELHO, 2000, p.32).

Essas etapas de formação do leitor descritas pela autora são: o pré-leitor, que compreende duas fases, denominadas de primeira e segunda infância; o leitor iniciante; o leitor em processo; o leitor fluente; e o leitor crítico.

A primeira etapa de formação do leitor proposta por Coelho (2000) refere-se ao pré-leitor e se estrutura em duas fases: a primeira infância entre 15/17 meses até os 3 anos e a segunda infância começa a partir dos 3anos e vai até por volta dos 7 anos.

Na primeira infância, que se inicia a partir dos 15 meses e vai até os 3 anos, a criança começa a reconhecer a realidade em sua volta e tem a necessidade de pegar qualquer objeto que esteja em seu alcance. Os adultos devem nesse momento estimular a criança apresentando a ela gravuras de objetos familiares. Essas gravuras devem ser em materiais resistentes e agradáveis ao tato para que as crianças possam manuseá-las.

A criança começa também a conquistar sua própria linguagem e nomear o que está ao seu redor. Para auxiliar nessa conquista, o adulto deve nomear brinquedos e desenhos inventando situações em que os relacionem de maneira afetiva com as crianças.

A segunda infância começa a partir dos 2/3anos, é marcada pelo início da fase egocêntrica e é quando a criança começa a ter uma percepção do próprio ser. Nessa fase a criança tem uma maior adaptação ao meio físico e se interessa mais pela comunicação verbal. Por meio das atividades lúdicas com o livro a criança começa a descobrir o mundo concreto e o mundo da linguagem. Esses livros devem apresentar um contexto familiar, predomínio de imagens, textos breves, propor humor, expectativa ou mistério, e técnica de repetição (COELHO, 2000).

A segunda etapa de formação do leitor proposta por Coelho (2000) refere-se ao leitor iniciante, fase que se inicia entre 6 e 7 anos, já reconhece os signos alfabéticos e as sílabas, porém ainda necessita da presença de um adulto que o estimule e incentive. Nesta fase é importante que os livros conttenham uma linguagem simples, com começo meio e fim, imagens predominantes ao texto, humor, fusão entre realidade e fantasia, e personagens que podem ser reais ou simbólicos contanto que apresentem com clareza traços de comportamento ou caráter.

A terceira etapa de formação do leitor proposta por Coelho (2000) refere-se ao leitor em processo, a partir dos 8/9 anos, que é quando a criança já tem um certo domínio pela leitura e escrita. Seu pensamento lógico está mais desenvolvido e os desafios e questionamentos a atraem. É importante ainda a presença de um adulto que motive ou estimule a leitura. Nesta fase os livros devem apresentar imagens que dialoguem com o texto, frases simples, histórias com principio, meio e fim, humor, fantasia e situações centrais com um conflito que deve ser solucionado até o final da narrativa.

A quarta etapa de formação do leitor proposta por Coelho (2000) refere-se ao leitor fluente é a fase que se inicia a partir dos 10/11 anos. Nela a criança já tem domínio da leitura e compreende a narrativa do livro. O leitor tem maior capacidade de concentração e reflexão e aumenta seu conhecimento ou percepção de mundo. Por ser a fase da pré-adolescência, a presença do adulto não é mais necessária, há uma retomada do egocentrismo e um certo desequilíbrio com o meio em que vive. O leitor fluente se atrai por histórias que apresentem valores políticos, idealismos, heróis e heroínas, linguagem mais elaborada, aventuras, romances, mitos e lendas sobre deuses e heróis, novelas de ficção científica ou policiais, contos e crônicas que envolvam desafios relacionados ao meio em que vive. Nesta fase já não é mais necessário o uso das imagens, podendo elas serem usadas algumas vezes como elementos de atração. A presença do maravilhoso, do mágico ainda é atrativa, principalmente se relacionada com a vida real.

A última etapa de formação do leitor proposta por Coelho (2000) refere-se ao leitor crítico, fase que se inicia a partir dos 12/13 anos, apresenta total domínio da leitura e escrita, sua capacidade de reflexão aumenta possibilitando que ele identifique com maior profundidade a visão de mundo presente no texto. Tem seu pensamento crítico e reflexivo desenvolvido, o tornando mais questionador e criativo.

Cunha (2010) ressalta que o professor deve começar a instigar a criança a ler desde os anos iniciais na escola, partindo de atividades simples, como o uso de cantigas e parlendas que utilizam repetições para exercitar a memória dos alunos. Para a autora até os 7 anos de idade, o alunos devem ter a criatividade estimulada, pois nessa idade a criança vivencia uma fase de imaginação e fantasia.

Na fase dos 7 aos 11 anos de idade é importante que a escola ofereça aos alunos diversos tipos de gêneros literários para que o leitor entenda qual a função de cada texto. As atividades para se trabalhar nessa faixa etária devem ajudar a desenvolver na aquisição do léxico do aluno.

Conforme o aluno vai se desenvolvendo o professor deve apresentar outros tipos de atividades de leitura que chamem sua atenção. Pode apresentar alguma atividade que trabalhe com linguagem não verbal, através de interpretações de símbolos, charges e outras produções artísticas, e também pode propor atividades em que os alunos utilizem a internet para ler produções adaptadas em blogs e sites e incentivar que criem seus próprios blogs para também adaptar e criar histórias.

A escola é um espaço que deveria desenvolver uma leitura competente nos alunos, proporcionando a eles acesso aos mais diversificados tipos de textos. É necessário, pois, analisar que os professores encontram uma grande dificuldade ao mediar a leitura dos alunos, já que, de acordo com Freire (2010), são poucos os brasileiros que lêem e apreendem aquilo que estão lendo. Não basta a pessoa ser alfabetizada, ela tem que fazer parte do mundo letrado que a cerca, saber identificar as funções sociais da escrita para que assim tenha uma compreensão mais ampla da leitura realizada.

Oliveira e Franco (2014) salientam que ao trabalhar com a leitura, o professor deve conhecer como ela se processa. Ao ler, a pessoa extrai do texto um significado a partir de seu contexto social e a partir daí poderá desenvolver um senso crítico daquilo que está lendo.

Para Raimundo (2009) o professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem da leitura deve adotar uma metodologia que desperte o interesse do aluno, que faça com que ele sinta prazer em ler. Porém sabe-se que nem sempre é isso que acontece.

Muitos professores utilizam a leitura como forma avaliativa, impondo aos alunos que leiam determinados livros e eles a fazem de maneira mecânica, desinteressada, ou então buscam resumos e resenhas da obra para realizarem a avaliação.

Buse (2011) aponta que a literatura deveria ser abordada na escola de maneira em que o aluno seja estimulado a ler, porém o conteúdo da disciplina tem se restringido a ensinar as características de cada período literário e de cada autor. Os textos literários são apresentados fragmentados aos alunos para exemplificar essas características e para compreensão gramatical.

A iniciação literária deve ser feita de maneira mais livre e prazerosa, pois ao ler um texto clássico sem ter nenhuma experiência com a leitura pode causar ao aluno uma rejeição pelo ato de ler. A autora ainda sugere que o professor comece a introduzir a literatura a partir da leitura de textos mais contemporâneos para depois partir para os mais clássicos, assim o aluno terá maior compreensão e argumentação para formar sua opinião sobre o que leu.

Assim sendo, salientamos que a escola tem papel fundamental na formação do leitor, já que ela proporciona aos alunos o acesso ao mundo letrado. Cunha (2010) afirma que cabe ao professor pensar em uma prática que faça com que o aluno possa atribuir significado àquilo que está lendo para que se torne um leitor crítico e que não leia apenas decodificando o que está escrito. Essa leitura deve ser oferecida de uma forma prazerosa, de acordo com os interesses dos alunos e para isso devemos refletir quais os gêneros apresentar para cada faixa etária de alunos e como trabalhar essa leitura, se de forma individual, em grupos ou com a sala toda.

A maioria dos alunos aprende a ler de maneira simples, decodificando o texto apenas e acabam tendo dificuldade na compreensão desse texto. Para Oliveira e Franco (2014) isso acontece devido a má formação dos professores e ao grande uso de livros didáticos, que não permitem que o aluno desenvolva um exercício cognitivo.

Buse (2011) relata que é fundamental que o professor seja um leitor para que saiba orientar, fazer indicações de leitura e através do exemplo possa incentivar seus alunos. Entretanto alguns fatores impedem que isso se concretize, tais como a desatualização na formação do docente, a falta de valorização e baixa remuneração que desestimula o professor e faz com ele tenha uma jornada de trabalho extensa que o impede de buscar atualização profissional e se consolidar como leitor.

Outro fator que auxilia no desenvolvimento do leitor é o contato com outras pessoas leitoras.

A família também tem um papel importante na formação leitora da criança, pois é nela que a leitura pode ser vista de maneira mais leve e prazerosa. Esse momento de leitura cria um vínculo maior entre pais e filhos, inicialmente através da história contada pelos pais, em que os filhos fazem a observação das figuras, com as canções de ninar cantadas para as crianças, histórias para dormir e depois quando os filhos já começam a ler ou contar suas histórias para a família.

Se as crianças são criadas em um ambiente receptivo à leitura, em contato ativo com materiais que sugerem a recepção de textos é provável que no futuro ela conserve o gosto de ler. Se ao contrário a família não se envolver será mais difícil o trabalho dos professores. (RAIMUNDO, 2009, p.111-112).

O que a família ensina à criança é levado por toda a vida e o mesmo pode acontecer com a leitura se ela for incentivada.

A presença de livros e de leitores no contexto familiar da criança aguça sua curiosidade e seu interesse sobre a leitura. A criança tem a família como exemplo a seguir e ela é estimulada ao se deparar com situações de leitura em casa.

Para Cunha (2010) a escola tem o papel de normatizar o conhecimento já adquirido pela criança, respeitando a cultura que ela traz da família e do meio social em que vive, e acrescentar novos conhecimentos.

Buse (2011) afirma que a leitura não está relacionada apenas em decodificar textos, ela promove transformações sociais, pois o leitor se torna um cidadão crítico, capaz de argumentar e exercer sua cidadania. Cada leitor traz consigo uma história de vida, que reflete em sua maneira de interpretar a leitura. Portanto um mesmo livro pode ser compreendido e recebido de maneira diferente por cada pessoa.

De acordo com Raimundo (2009) se não houver a preocupação em promover a motivação e envolvimento do aluno pela leitura ele dificilmente se tornará um leitor crítico e consciente.

Uma preocupação que se deve ter é a de não formar apenas leitores, mas leitores críticos, fornecendo ao aluno conhecimento que o faça um produtor de significados, capaz de lidar com todos os gêneros textuais, não só na escola, mas também na sociedade em que está inserido. (RAIMUNDO, 2009, p. 113).

O aluno deve ter autonomia para escolher a leitura que irá fazer e o professor deve atuar auxiliando essa escolha, oferecendo a esse aluno os mais diversos tipos de texto.

Para a autora uma grande dificuldade dos professores para formar um leitor crítico está no escasso número de livros, na falta de tempo e de um espaço físico adequado. Porém a escola e os professores devem criar soluções criativas que superem os problemas de ordem social e financeira e possibilitem uma formação de qualidade aos alunos leitores.

Ler é um exercício iniciado na escola que se estende por toda a vida da pessoa e essa leitura é que faz com que o homem participe de maneira mais crítica da sociedade.

Para Silva, apud Oliveira e Franco (2014, p. 6-7)

a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida, tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles.

A leitura crítica permite que o homem reflita e construa uma consciência maior sobre o mundo. Em função disso, Oliveira e Franco (2002, p. 7) ponderam que

Seguindo os cinco passos da Pedagogia Histórico-Crítica, que consideram os fatores políticos, sociais, religiosos, culturais, econômicos, estéticos, etc.; na análise dos discursos, relacionados também a influência da ideologia dominante e ao contexto social no qual estão inseridos. A multiplicidade de leituras que permeiam a sociedade atual possibilitam também um maior número de alternativas de trabalho com a leitura ao professor, são: outdoors, folhetos, panfletos, blogs, imagens, animações, filmes, curtas, redes sociais, propagandas, etc. Todos estes gêneros discursivos independente do canal de veiculação transmitem algo de uma esfera social em prol de um objetivo. Fazer o aluno enxergar estas especificidades é oportunizar a inserção real deste sujeito na sociedade.

A partir desses levantamentos, cabe-nos destacar que família e escola precisam trabalhar conjuntamente para que possam formar, através da leitura, um cidadão consciente do mundo em que vive, capaz de fazer suas próprias escolhas e refletir criticamente sobre os mais variados temas.

2. A concepção de leitura em suportes digital

Atualmente a sociedade vivencia um período tecnológico, em que os conhecimentos e as informações chegam até as pessoas rapidamente através da internet. As crianças nascidas nessa geração crescem tendo o contato constante com diversas tecnologias, por isso devemos destacar que os suportes digitais devem fazer parte da formação leitora delas.

Para Theisen (2012) no cenário atual torna-se necessária a leitura nos diversos suportes para que a pessoa possa atuar em uma sociedade em que a tecnologia está tão presente.

O suporte digital de leitura traz a escrita em duas formas diferentes: o texto, que segue uma leitura linear, assim como nos meios impressos, e o hipertexto, que apresenta uma leitura não sequenciada, possibilitando que leitor escolha diversos caminhos para a leitura de um tema. No hipertexto o autor disponibiliza vários conteúdos acerca de um tema através de links, que permitem que o leitor selecione o que deseja acessar ou não.

Braga (2005) relata que ao construir um hipertexto o autor deve estabelecer um segmento textual que faça sentido independente da ordem acessada pelo leitor, pois, diferente da leitura sequenciada do texto impresso, o leitor de hipertextos é quem define qual link acessar e em qual ordem quer ler as informações disponíveis, é ele quem constrói a coesão dessas informações e monta um texto que lhe faça sentido. Outro aspecto que deve ser considerado na construção de um hipertexto é que os links devem ser definidos pensando em um público alvo diversificado, com diferentes características.

Costa (2000) ressalta que no hipertexto o leitor se torna um co-autor do que está lendo, pois ao ligar os diferentes materiais disponíveis nos links, ele produz um texto através de suas escolhas.

De acordo com Theisen (2012, p. 6):

O hipertexto pode ser uma série de textos conectados entre si e que possibilitam diversos caminhos de leitura; e uma convergência de várias linguagens num único suporte, com a possibilidade de intervenção instantânea do navegador através de dispositivos que favorecem a interatividade.

Segundo o autor é possível que essa interatividade aconteça por meio de discussões online com diversas pessoas, em que cada um possa expressar suas idéias acerca do tema lido.

Podemos compreender com base em Lima (2009) que essa interatividade pode ser vista tanto na troca de informações entre os leitores através de *chats* e outros gêneros dessa mesma finalidade, como na interação com o texto, em que o leitor participa na co-autoria.

Vale destacar também que, além de permitir a navegação em diversas páginas que se conectam, o hipertexto também reúne várias mídias em um único suporte, relacionando

palavras com sons, imagens, gráficos, vídeos e movimento no textos, o que torna a leitura mais atrativa, principalmente para o pequeno leitor. (THEISEN, 2012).

De acordo com o autor (THEISEN, 2012, p. 7).

A multimodalidade e os recursos de multimídia tornam-se indispensável na cibercultura, pois a interação do aprendiz através do computador deve ser o mais estimulante possível, logo o uso de imagens, e material audiovisual como animações, por exemplo, são extremamente importantes.

Para Braga (2005) as diferentes modalidades devem se integrar de maneira complementar, auxiliando assim na interpretação do leitor e atribuindo um sentido global ao texto.

Com o surgimento de novos espaços de escrita, surgem também novos gêneros textuais. No caso dos gêneros digitais podemos identificar em Marcuschi (apud LIMA, 2009) fóruns, emails, *chats*, blogs, listas de discussões, aulas virtuais, entrevistas (em forma de diálogo com perguntas e respostas) e vídeo-conferência interativa.

Em contrapartida aos pontos destacados, alguns autores relatam que a leitura na tela pode trazer algumas desvantagens se comparado à leitura em meios impressos.

Em uma pesquisa com alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, Moraes (2012) destacou que, apesar dos sujeitos de pesquisa terem alegado o aumento significativo do uso de textos digitais para seus estudos e pesquisas, a maioria declarou preferir a leitura de textos impressos. O maior problema apontado por esses alunos é o cansaço visual, devido à luz projetada na tela do computador, que pode ocasionar também em dores de cabeça e indisposição para ler. Outros problemas relatados foram que a leitura na tela torna mais difícil de manter a concentração no texto, devido a outros tantos recursos disponíveis na internet; a dificuldade em ter a atenção no texto, pois a tela dá sono; é uma leitura que não dá para fazer em qualquer lugar, pois nem sempre é possível ter um computador disponível ou ter acesso à internet; a leitura na tela torna mais difícil fazer grifos e anotações no texto.

Braga (2005) também aponta o cansaço dos olhos entre algumas desvantagens da leitura em suporte digital

O desenvolvimento da tecnologia digital e o uso do computador como suporte textual desencadeou um novo processo de mudança. A tela “imaterializa” o texto e o leitor deixa de ter a noção do todo e algumas orientações visuais importantes, como páginas, por exemplo, que podem auxiliar o leitor durante a leitura de textos impressos. Além disso, resolução

atual de tela é pouco confortável para o processo de recepção, uma vez que demanda movimentos oculares mais amplos, que diminuem a velocidade de leitura. Essas dificuldades são acentuadas pelo cansaço visual gerado pelo brilho da tela e pelo desconforto da posição fixa para a leitura. (BRAGA, 2005, p. 757).

Chartier (apud MORAES, 2012) entende que o fato de não poder manusear o texto digital pode trazer um desconforto para o leitor. O autor vê que existe um conflito na autoria dos textos postados na internet, um conflito entre o individual e o coletivo, pois todo texto postado foi escrito por alguém, porém esse texto pode ser copiado e modificado por qualquer pessoa que tenha acesso a ele.

Já Magnobosco (2009) menciona algumas dificuldades que a leitura em hipertextos pode gerar, tais como: problemas na compreensão global do texto, quebra na coerência, fácil dispersão, indisposição e abandono da leitura. Segundo a autora, devido à iluminação da tela, a leitura se torna mais lenta e cansativa, tornando mais difícil sua compreensão. Outro ponto apontado como negativo na leitura digital é que muitas vezes ela é feita de maneira superficial pelo leitor, que ao encontrar a multiplicidade de links a seguir nem sempre faz a leitura completa de um texto.

Diante das dificuldades apresentadas é possível notar que o leitor precisa estar preparado para participar efetivamente do mundo digital, tendo consciência do que busca e criticidade àquilo que lê.

3. Letramento digital

O termo letramento ainda é recente e tem sua origem em discussões para ampliação do conceito de alfabetização, por isso, muitas vezes esses dois processos são confundidos. Soares (2004) ressalta que deve ser feita uma distinção entre os dois termos, mas que é preciso reconhecer que eles devem ser sempre associados e dependem um do outro:

[...] a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2004, p. 97).

Letramento vai além da apropriação do código alfabético Para Schons e Valentini (2012) ser letrado é saber utilizar em situações do dia-a-dia as práticas de leitura e escrita de forma competente.

Em função disso, Barros (2006) afirma que para responder as demandas sociais é preciso saber fazer uso efetivo da leitura e escrita. Para a autora o ensino da língua deve ir além do aprendizado das letras e de regras ortográficas, deve contemplar a apropriação das práticas de uso da linguagem.

Soares (apud LIMA, 2009, p. 40) nos dá uma definição de letramento melhor exemplificada:

Letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: sabe ler e lê jornais, revistas, livros; sabe ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone; sabe escrever e escreve cartas, bilhetes telegramas sem dificuldade, sabe preencher um formulário, sabe redigir um ofício, um requerimento. São exemplos das práticas mais comuns e cotidianas de leitura e escrita; muitas outras poderiam ser citadas. Letrar é mais que alfabetizar.

Com o surgimento dos novos suportes de leitura e escrita se torna necessário um outro tipo de letramento.

Segundo Araújo (2008) um novo letramento se insere a partir das demandas de uma sociedade tecnológica, que torna a troca de informações e comunicação mais acessível à sociedade. Esse letramento é o letramento digital, que segundo a autora se difere por sua idéia de interação, em que o indivíduo interage com o texto, podendo nele intervir.

Os computadores não são os únicos meios de acesso às informações da era digital. Atualmente as mídias móveis (tablets, celulares e outros dispositivos) também se tornam meios de cultura digital.

Para Soares (2002) letramento digital é "um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel."

A tecnologia traz uma grande quantidade de textos e informações que são rapidamente disponibilizadas na internet. Dessa forma cabe ao leitor selecionar o que para ele é mais relevante e, para isso ele precisa ser letrado digitalmente. Para Schons e Valentini (2008, p.7) o letramento digital procura incluir digitalmente a pessoa na sociedade moderna através das ferramentas tecnológicas:

A inclusão digital é o acesso as tecnologias. Podemos estabelecer uma cultura digital a partir da inclusão digital. A cultura digital é aquela que acompanha a comunicação mediada por computador. E o letramento digital poderá proporcionar à sociedade se inserir na moderna era da informação, nos oportunizar a ter acesso a novas ferramentas e meios tecnológicos. A sociedade cada vez mais está se aperfeiçoando, globalizando e novas necessidades e desafios surgem.

Conforme as autoras, letrado digitalmente é aquele que localiza, seleciona, filtra e avalia as informações que encontra nos meios digitais.

Para Araújo (2008) a inclusão digital deve anteceder ao letramento digital, já as oportunidades não são iguais para todas as pessoas.

De acordo com Ribeiro (2009) as pessoas excluídas digitalmente sofrem uma pressão por ter que utilizar as novas tecnologias, pois já não basta somente as habilidades com o texto impresso. Com as novas tecnologias, quem não era letrado no meio impresso se torna duplamente excluído.

Barros (2006) afirma que o letramento digital vai além do uso das ferramentas tecnológicas. Ele abrange a capacidade do leitor de construir textos coerentes através do uso dos hipertextos, bem como ler e interpretar as diversas linguagens presentes em um texto multimodal. Outra característica do letrado digitalmente é saber selecionar e avaliar criticamente as diversas informações acessadas.

Vale ressaltar que, de acordo com Ribeiro (2009), o letramento digital é formado através das habilidades desenvolvidas no indivíduo para que este possa agir e se comunicar de maneira eficiente nos ambientes de diversos suportes digitais.

É necessário, pois, analisar, que professor e escola são agentes multiplicadores do letramento digital, portanto precisam adotar uma prática que utilize os meios digitais para proporcionar uma aprendizagem significativa aos alunos, para que eles possam adquirir as competências necessárias para fazer o uso efetivo da tecnologia e da internet.

A autora destaca que muitas escolas contam com equipamentos digitais que estão disponíveis para a aprendizagem dos alunos, porém nem sempre as aulas colaboram para letrá-los digitalmente, pois mostram um conteúdo solto, que muitas vezes o aluno já domina. Essas aulas precisam mostrar aos alunos qual será o uso real das ferramentas e aplicativos ensinados, como participar dos diferentes gêneros textuais disponíveis na web, fazendo publicações, discutindo com outros internautas, utilizando ferramentas de busca de forma

eficiente e como montar sites e blogs para discussão de temas relevantes para a comunidade escolar.

Para Theisen (2012) no ambiente escolar, o professor tem um papel importante na mediação das leituras em meios digitais, pois nem tudo encontrado na internet é seguro e preciso. Ao propor uma pesquisa online, ele deve ensinar os alunos como selecionar as informações encontradas e transformá-las em conhecimento.

Podemos inferir, com Xavier (s.d.) que o letramento digital se configura de uma maneira mais dinâmica, centrado nas necessidades e interesses dos alunos, que têm maior autonomia e participação por serem usuários frequentes das tecnologias digitais. O professor deve ter uma mudança em sua prática pedagógica para acompanhar os desafios da geração digital. Ele agora precisa abandonar seu perfil anterior em que era o único fornecedor do saber, autoritário e avaliador de informações, para agora ser pesquisador, articulador de conhecimento, motivador e gestor de aprendizagens.

Nesse contexto, em que a inclusão da tecnologia modifica o cenário escolar, trazendo novas situações pedagógicas geradas pela participação ativa dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, cabe ao professor o papel de orientador e estimulador dessas práticas digitais de forma autônoma, crítica e segura. (RODRIGUES; MARTINS; ABREU, 2012).

Para os autores é necessário que o professor passe por um processo de formação continuada para que também seja digitalmente letrado, pois o mundo tecnológico exige professores capacitados para lidar com as tecnologias em um novo modelo de educação.

Araújo (2008) entende a escola como um ambiente que deve contribuir com a inclusão digital para que de fato as Tecnologias da informação e comunicação(TICs) estejam acessíveis para toda a comunidade escolar.

Assim sendo, salientamos que a escola deve estar atenta às novas tecnologias e contribuir com a formação do aluno mediante a esses avanços, preparando-os para a efetiva participação e interação com a cultura digital emergente.

Considerações finais

Conclui-se que a formação do leitor deve acontecer com a parceria entre escola e família para que a criança desde cedo tenha contato com os diversos gêneros textuais existentes.

Com os suportes digitais a criança entra em contato com outros gêneros textuais, que devem ser trabalhados em sala de aula para que possam ser utilizados de maneira produtiva para o conhecimento do aluno. Em meio a uma era digital as aulas precisam se tornar digitais para que os alunos saibam utilizar os recursos disponíveis na internet de maneira adequada, sabendo selecionar o que podem ou não utilizar para auxiliar em seu aprendizado.

Através de um letramento digital o aluno poderá participar efetivamente do mundo digital, fazendo uma leitura crítica das informações disponíveis e utilizando os recursos tecnológicos de maneira consciente e eficiente.

É preciso salientar que os recursos digitais devem ser vistos como aliados na formação leitora do aluno, porém não devem substituir os livros impressos. Ambos devem ser utilizados juntos para formar um leitor crítico preparado para participar da sociedade em que vive.

Referências

ARAÚJO, R. S. de. *Letramento digital: conceitos e pré-conceitos*. 2º Simpósio de Hipertexto e tecnologias na educação: modalidade e ensino. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008).

BARROS, C. G. P. de. *Letramento Digital - Considerações sobre a Leitura e Escrita na Internet*. Polifonia, Cuiabá. EduFMT, v.12, n.1, p. 133-156, 2006.

BRAGA, D. B. *Hipertexto: questões de produção e de leitura*. Revista Estudos Linguísticos XXXIV - UNICAMP, Campinas, p. 756-761, 2005.

BUSE, B. C. *O "mundo virtual" e a formação do leitor no Ensino Médio*. Anais do V simpósio Nacional da ABCiber - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://abciber.org.br/simposio2011/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%201/8.E1/167-252-1-RV.pdf> Acesso em 20/10/2015.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, S. R. *Leitura e escritura de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares*. Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora: Edufjf, v. 4, n. 1, p. 43-49, jan./jun. 2000.

CUNHA, J. R. *Incentivo á formação do leitor*. X Semana de Letras, 2010, Porto Alegre. Anais da X Semana de Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FREIRE, J. A. T. *Os saberes da literatura e a formação do leitor*. Revista EntreLetras. UFT, n. 1, p. 191-208, 2010.

LIMA, F. C. *Formando leitores na era digital: reflexões sobre a abordagem da leitura no ensino de E/LE através do mundo virtual*. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. p. 39-58.

MAGNABOSCO, G. G. *Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?: Conjecturas*, Caxias do Sul, v.14, n. 2, p. 49-63, maio/ago, 2009.

MORAES, L. A. O. *A leitura em suporte impresso e digital: modificações nos modos de ler*. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP, Campinas, 2012. Disponível em: <http://www2.unimep.br/endiipe/1908p.pdf>. Acesso em 13/08/2015.

OLIVEIRA, R. M. G. de; FRANCO, S. A. P. *Leitura e prática social inicial: contribuições para o ensino*. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. p. 1-19.

RAIMUNDO, A. P. P. *A mediação na formação do leitor*. CELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá, 2009, p. 107-117.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros*. Revista da ABRALIN, v. 8, n. 1, p. 15-38, jan./jun. 2009.

RODRIGUES, C. A.; SILVA, F. M. da; ABREU, M. L. de. *Letramento digital: o que as escolas (não) estão fazendo para (re) escrever a história*. Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, 2012, Uberlândia. Anais do SIELP. Uberlândia: Edufu, 2012. v. 2.

SCHONS, M. M. e VALENTINI, C. B. *Movimentos de letramento digital nas práticas de leitura e escrita: um estudo de caso de uma criança do ensino fundamental*. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - A Pós-Graduação e suas interlocuções com a Educação Básica, 2012, Caxias do Sul. Anais do IX Anped Sul - Seminário de pesquisa em educação da região sul. Caxias do Sul: upplay, 2012.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento: caminho e descaminhos*. Revista Pátio, ano VII, nº 29, fev./abr. 2004

SOARES, M. *Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura*. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez 2002.

THEISEN, J. M. *Leitura e tecnologia: a busca de uma interação sem fronteiras*. Seminário Internacional Em Letras: Língua E Literatura Na (Pós-) Modernidade, 2012, Santa Maria. Anais Seminário Internacional em Letras Unifra. Santa Maria: UNIFRA, 2012.

XAVIER, A. C. S. *Letramento digital e ensino*. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 10/09/15.